



João Gago da Câmara

Paralelo 38

“Os Açores e os Novos Média” O livro incontornável de Osvaldo Cabral

“Da varanda da experiência, Osvaldo Cabral debruça-se também sobre o problema, que, com efeito, são as redes sociais. Nelas tudo serve para a chacota e maledicência, até o próprio jornalismo que nas redes nunca pode ser sério, que só se entende quando observando princípios deontológicos que norteiam a prática da atividade.”

Leio, releio e reflito sobre o recente livro de Osvaldo Cabral “Os Açores e os Novos Média”, obra editada e impressa pela Gráfica Açoreana, Lda., que muito me diz, por, desde muito cedo, ter abraçado a profissão de jornalista, parte dela na imprensa escrita - que, do meu ponto de vista, é a mais completa escola de jornalismo - e com o imprescindível e honroso apoio do autor desta obra de referência do jornalismo ilhéu e continental português.

Osvaldo José Vieira Cabral, estimado amigo e mestre, debruça-se na varanda que tudo vê, desde o passado aos nossos dias do jornalismo nos Açores e adverte, nas 174 páginas deste livro, para a necessidade de se abandonar o comodismo e de se olhar o futuro, indubitavelmente digital, com coragem e determinação. E tem razão. Feliz, ou infelizmente, o velho papel tem os dias contados. O papel, que traz notícias, reportagens, entrevistas, que estimula a liberdade crítica, que move a democracia. E que bom é ter este livro, “em papel”, de Osvaldo Cabral, que li e reli e que guardo religiosamente para consultas cíclicas na estante dos melhores.

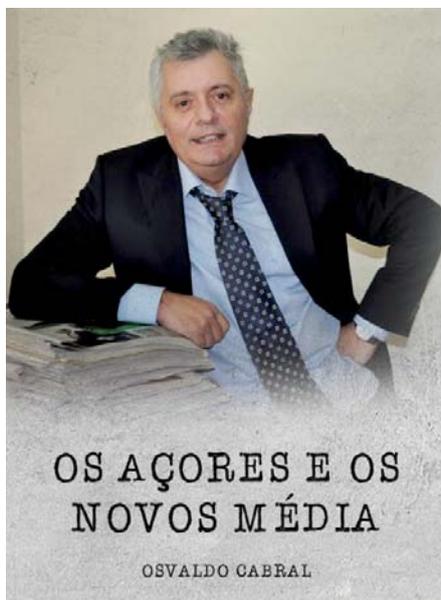
Osvaldo recentemente perguntou a alunos de uma escola quem consultava as plataformas digitais ou as redes sociais para se informar e 99% deles levantaram o braço. Há fumo no ar a anunciar o incêndio do papel, que hoje atinge a larga maioria da imprensa escrita, a cada vez menos convencional.

Mas eis o contrassenso, ou a triste realidade do presente: todos os anos saem das universidades cerca de 1500 licenciados em comunicação social. “Cá fora, vão viver a dura realidade da procura de emprego, após os estágios” - prognostica Osvaldo Cabral.

“Mais de 7 mil jornalistas possuem carteira profissional, seis vezes mais do que na década de 80. Com a crise instalada nos média - alguns a fechar, outros a reduzir custos e quadros - será cada vez mais difícil um jovem licenciado ingressar nas redações.” - alerta o escritor.

Com o Osvaldo ainda apanhei as velhas “linotypes” no edifício da rua dos Mercadores onde fazíamos todos, com o Jorge do Nascimento Cabral, o Tomás Quental, o José Francisco Silva, o Sidónio Bettencourt, o Costa Cardoso, entre outros distintos colegas, o “Correio dos Açores” do nosso contentamento. “Off set” era luxo que não se tinha na Gráfica Açoreana Lda., por isso nessa altura, “jamais se imaginaria o jornalista a ter como missão escrever a reportagem para o jornal, gravar o acontecimento em vídeo, editá-lo, colocar um “post” no multimédia, gravar alguns sons e colocá-los com dois ou três parágrafos nas várias plataformas multimédia”, como muito bem refere Osvaldo Cabral acerca do jornalismo da atualidade. E advoga que “a emigração açoriana tem um efeito multiplicador nestas novas plataformas, coisa que a imprensa não deveria descurar e apostar mais em força”.

Da varanda da experiência, Osvaldo Cabral debruça-se também sobre o problema, que, com efeito,



são as redes sociais. Nelas tudo serve para a chacota e maledicência, até o próprio jornalismo que nas redes nunca pode ser sério, que só se entende quando observando princípios deontológicos que norteiam a prática da atividade. Grupos, de não se sabe bem o quê ou quem, partilham tudo a todos sem quaisquer critérios jornalísticos, sem investigação, sem rastreio, não procurando fontes, convivendo com as “fake news” como crianças convivem entre si, partidarizando-se em tertúlias digitais que, doentias, ditatorialmente expulsam quem critica ou não é da área ideológica, ou da cor política dos digitais artistas.

Havendo o cuidado de não atropelar a liberdade, há que regulamentar com rigor a prática do jornalismo, envolvendo sindicatos e legisladores, sob pena de, cada vez mais, o quarto poder cair em mãos erradas ou de gente impreparada para dar tratamento adequado aos assuntos, exigência de tão distinta função política, social e cultural.

Como se converte o papel em digital? Investindo, naturalmente. E como, se não há dinheiro? Sendo a imprensa a coluna vertebral de uma sociedade, pois forma e informa, caberá aos governos arregaçar mangas e, sem preconceitos redutores político-partidários ou vinganças políticas ou pessoais, mas em nome da democracia e da liberdade de imprensa e em nome dos usufrutuários que são o povo, reunir com comissões que sejam constituídas por administradores, diretores e chefes de redação da imprensa escrita, tirar os cordões à bolsa e apoiar financeiramente a transição necessária do papel para o digital,

que urge. Deixar morrer a imprensa é deixar morrer a democracia.

Osvaldo Cabral aborda ainda, entre outras matérias, a publicidade que considera, e bem, o fulcro da boa saúde financeira das empresas de comunicação social e o suporte imprescindível para que haja jornalismo de qualidade feito por profissionais à altura, quando ainda persiste a velha gestão de sobrevivência através dos assinantes que economicamente representam uma minúscula. Há casos de jornais que saem à rua grátis, porque a publicidade já os pagou.

Há muitos anos, testei essa força de financiamento, a publicidade, com um jornal que fundei e que naturalmente levei a sério, o “Correio do Norte”, que distribuía gratuitamente, porque o cliente da publicidade já o pagara. O jornal cobria toda a costa norte da ilha de São Miguel, tratando temáticas que interessavam particularmente aos nortenhos da ilha. Essa imprensa localizada é demais importante para as comunidades das vilas e freguesias, que nela se reveem, e aí, em tiragens reduzidas, o suporte em papel, mesmo à sombra do digital, talvez consiga prosseguir por mais algum tempo.

Muito havia para comentar neste tratado, sem exagero, de Osvaldo Vieira Cabral, como a reinvenção do serviço público regional de televisão - da televisão regional de que o Osvaldo foi diretor - sobre um museu da imprensa açoriana, que importa ser fundado, sobre “a escandalosa exploração que a Portugal Telecom pratica nos Açores através do monopólio do cabo submarino”, entre outras abordagens importantes, senão fundamentais, trazidas pelo autor.

Pretendo voltar às páginas desta obra, que agrega um farto manancial de informação e de saber. Por hora, há que terminar, ou terei que me haver com o Osvaldo Cabral, o outro, o diretor deste “Diário dos Açores”. Não finalizarei, no entanto, sem citar o conceituado e “insuspeito”, como refere o Osvaldo, *The Economist*, que considera a imprensa o quarto estado, um pilar da política, e interroga: “Os jornalistas investigam e criticam os governos, ajudando assim os eleitores a decidirem se os querem manter ou despedir. As autocracias funcionam perfeitamente bem sem as notícias, mas o mesmo não acontece às democracias. Será que a morte de um jornal diário - a principal fonte de informação para os mais formados, pelo menos no último século, o tormento dos políticos corruptos, a consciência das nações - pode danificar a democracia?”

Avance para a leitura deste livro. Adquirá esta obra inteligente, como inteligente é o seu autor, leia-a, releia-a e guarde-a na estante das melhores. Afligir-se-á com o estado do jornalismo, em geral, e da imprensa escrita, em particular, mas acreditará, como o Osvaldo Cabral e os jornalistas conscientes, que existirá um amanhã através do digital e dos *sites online*, que, hoje, alguns caducos criticam mas que serão inexoravelmente o futuro da imprensa, que é património de todos nós.